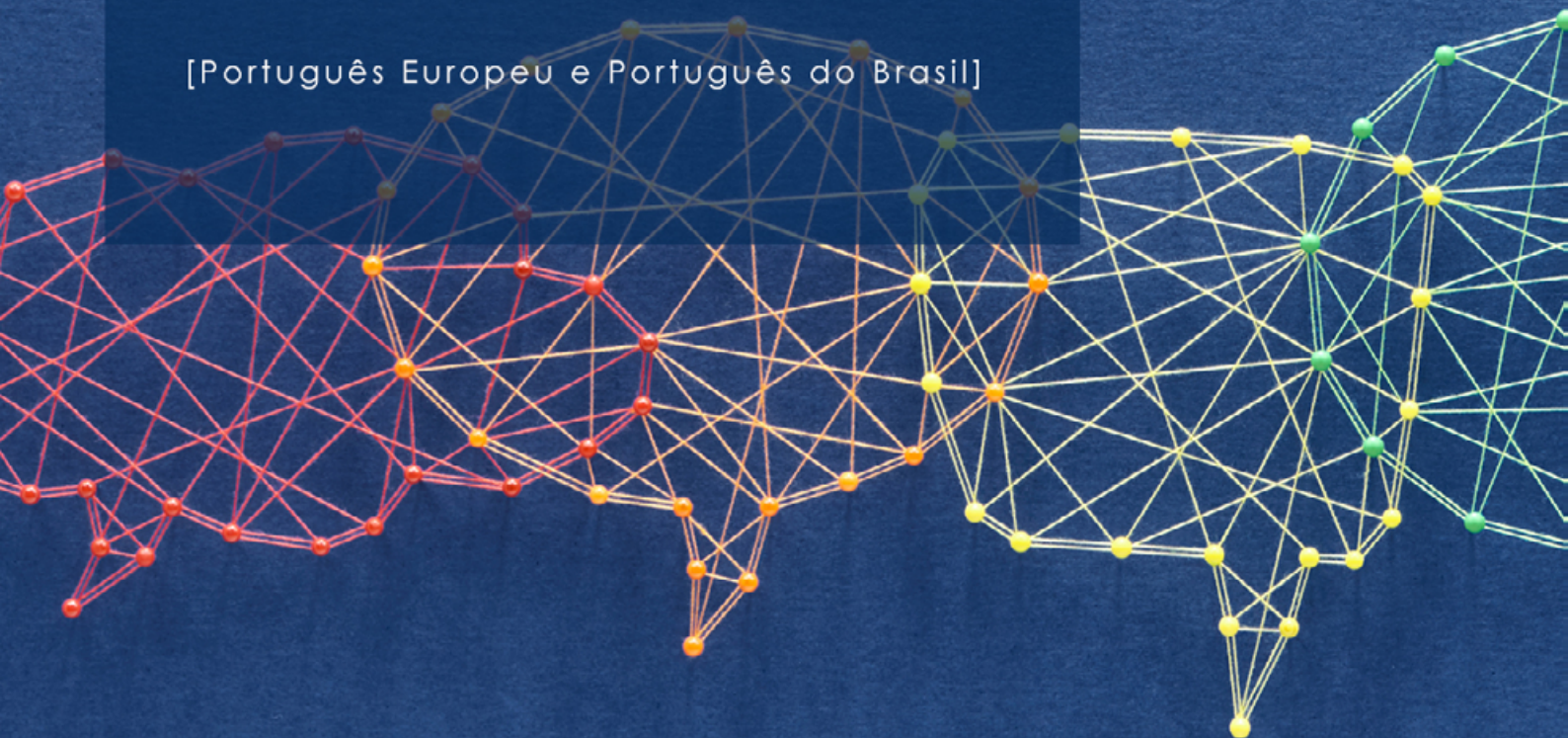


LINGUAGEM- COGNIÇÃO- CULTURA:

Teorias, aplicações
e diálogos com foco
na Língua Portuguesa

[Português Europeu e Português do Brasil]



Hanna Batoréo [Coord.]

2022

APOIOS

*A preparação do livro foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto **UIDB/03213/2020** – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa.*

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia


CLUNL
CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

 **NOVAFCSH**
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

TÍTULO

LINGUAGEM – COGNIÇÃO – CULTURA:

**Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa
(Português Europeu e Português do Brasil)**

COORDENAÇÃO

Hanna Batoréo

PRODUÇÃO

Serviço de Produção Digital | Direção de Apoio ao Campus Virtual

EDIÇÃO

Universidade Aberta 2022

COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA, N.º 17

ISBN

978-972-674-922-6

DOI

<https://doi.org/10.34627/uab.cc.17>

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-SA 4.0.
De acordo com os seguintes termos:
Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

“É COM IMENSO PRAZER QUE VEREI TODOS AQUELES NÁUFRAGOS AGARRADOS AO SEU SALVA-VIDAS...”: CRIATIVIDADE NUMA INTERAÇÃO NUM PROGRAMA DE RÁDIO SOBRE FUTEBOL

Carla Aurélia de Almeida
Departamento de Humanidades da Universidade Aberta
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

RESUMO

A expressão da emoção, de um ponto de vista discursivo, pode ser vista através de uma análise cognitiva dos conceitos e expressões (Athanasiadou & Tabakowska; 1998; Kövecses, 1998, pp. 127-152), e pode também ser analisada no âmbito do trabalho interacional (Goffman, 1981). A análise das estratégias discursivas (Gumperz, 1989) permite compreender a coconstrução das “expectativas partilhadas” associadas aos “frames” (Gumperz, 1980, pp. 103-104; Tannen, 1993). Tomando como referência um *corpus* oral de um programa de rádio de conversas telefónicas sobre futebol português (Almeida, 2012), iremos analisar “estratégias de envolvimento” (Tannen, 1989, p.1) desenvolvidas através de um mecanismo discursivo baseado na expressão de metáforas e imagens imaginadas. Considerando a emoção no quadro do trabalho interacional desenvolvido pelos interactantes em conversação (Edwards, 2001, p. 236), analisaremos a “construção do ponto de vista do narrador” (Borkent, 2017, p. 547) com marcadores como pronomes pessoais, expressões temporais e marcadores de tempo (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6). Analisaremos também a seleção, feita pelos participantes, das estratégias discursivas de sarcasmo. Finalmente, vamos relacionar os resultados aqui em questão com a teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (“blending”) de G. Fauconnier & M. Turner (2002).

PALAVRAS-CHAVE: estratégias discursivas, marcadores de ponto de vista, metáforas

ABSTRACT

The discursive expression of emotion can be pursued through a cognitive analysis of the corresponding concepts and expressions (Athanasiadou & Tabakowska, 1998; Kövecses, 1998, pp. 127-152). It can also be analysed under the frame of interactional work (Goffman, 1981). The analysis of discursive strategies (Gumperz, 1989) allows the understanding of the co-construction of the “shared expectations” that

are associated with “frames” (Gumperz, 1980, pp. 103-104; Tannen, 1993). Considering an oral corpus from a Portuguese football radio phone-in program (Almeida, 2012), we will first analyse “involvement strategies” (Tannen, 1989, p.1) developed through a discursive mechanism based on the expression of metaphors and images. Addressing emotion in the interactional framework developed by interactants in conversation (Edwards, 2001, p. 236), we will also analyse the “narrator viewpoint construction” (Borkent, 2017, p. 547) as well as the viewpoint markers such as personal pronouns, temporal expressions and tense markers (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6). Finally, the selection of the discourse strategies of sarcasm made by participants will be analysed, and related to the theory of blending (cf. Fauconnier & Turner, 2002).

KEYWORDS: discourse strategies, viewpoint markers, metaphors

1. ASPETOS DA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

A consideração das relações que se podem estabelecer entre linguagem, cognição e cultura, explorando os processos de construção do sentido (*meaning*) em contextos de uso, exige e fundamenta o estudo dos *usos* e *variações* discursivas que ocorrem em interações do quotidiano. De facto, é nos contextos mundanos de uso e nos contextos institucionais das interações que se constrói o que J. Gumperz, no âmbito da Sociolinguística Interacional, chama de “comunidade de pensamento” (Gumperz, 1989, p. 1990)¹. Uma comunidade deste tipo caracteriza-se por ser constituída por participantes na interação que partilham interesses comuns, tarefas e crenças (Diamond, 1996, p. 2).

A construção do sentido do texto/discurso e a atribuição de uma coerência é uma atividade conjunta estabelecida entre os interactantes. Destacamos, assim, “(...) a natureza interactiva, dialógica, do exercício verbal” (Fonseca, 1988, p. 12). Os procedimentos da coerência – ilocutória – e de coesão – proposicional – criam a *interatividade* (Widdowson, 1979, p. 70), isto é, a coerência pragmático-funcional do discurso diz respeito às dimensões sequenciais dos atos ilocutórios, à coconstrução do sentido (Schiffrin, 1995; Kerbrat-Orecchioni, 1990 & Heller, 2001). Falamos de *coerência ilocutória* que permite ao alocutário de uma interação desenvolver os seus próprios *esquemas interpretativos*, reajustando as suas próprias intenções comunicativas às do locutor e, desta forma, no

¹ Tradução nossa da noção de “community of the mind” de Gumperz (1989, 1990).

dizer de Widdowson: "(...) as interações verbais parecem-se com um jogo de xadrez: cada participante treina os seus movimentos *a priori* e altera-os taticamente à medida que o jogo avança" (Widdowson, 1979, p. 69; tradução nossa)².

Considerando que o *sentido* é construído através do cálculo das inferências, compreendemos que o cálculo das implicaturas conversacionais, realizado com base nas máximas conversacionais de Grice (1975), permite a interpretação dos valores ilocutórios indiretos das sequências de atos de discurso em interação: para reconhecer a intenção ilocutória, o alocutário tem de calcular um conjunto de inferências que fazem uso da informação que é partilhada acerca do contexto. Tratar-se-ão de estratégias inferenciais diferentes, dependentes do facto de ser possível que o locutor use as palavras literalmente, ou que o locutor tenha a intenção de desenvolver uma estratégia direta, ou indireta, ao formular o seu ato ilocutório. A sequência reativa do alocutário dependerá da visão que este tem da coerência e da adequação da interpretação particular que faz no contexto específico em que está inserido (Holdcroft, 1992, p. 61).

Deste modo, os mecanismos conversacionais confinados à troca discursiva (métodos que governam o *turn-taking* e as regras de sequencialização), a informação pragmática (ligada às intenções, interesses, desejos, expectativas, atitudes), a informação sociocultural (convenções sociais e sistema de delicadeza), a organização da informação em constelações lexicais ("schema-based knowledge") e as regras gramaticais (informação cotextual) são alguns fatores que possibilitam a construção da coerência. Dependendo do grau de conhecimento destes fatores, haverá, nas produções discursivas dos interactantes, níveis ou graus de coerência atribuídos aos produtos verbais (van de Velde, 1989, p. 228), verificando-se se a coerência é conforme a uma atividade-esquema compartilhada.

John J. Gumperz (1996) refere a este propósito o seguinte:

A avaliação da coerência é uma questão de inferência conversacional (...) o que é considerado coerente no discurso depende de uma variedade de opções interpretativas que os interactantes reconhecem,

² "(...) verbal interactions resemble games of chess: each participant works out his moves in advance and modifies them tactically as the encounter develops" (Widdowson, 1979, p. 69).

dos quadros de referência que adoptam e da forma como os usam para selecionar as possíveis interpretações e eliminar as fontes de ambiguidade (Gumperz, 1996, p. 178)³. (Tradução nossa).

Assim, no presente texto⁴, é nosso objetivo estudar as estratégias discursivas e as *convenções de uso* presentes numa interação realizada num programa de rádio sobre o tema do futebol, verificando-se de que modo os interactantes organizam, através da linguagem, “(...) os conhecimentos que reflectem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas” (Silva, 2004, p. 3).

A análise das estratégias discursivas (Gumperz, 1989) permite a compreensão da coconstrução das “expectativas partilhadas” que estão associadas aos “frames” (Gumperz, 1980, pp. 103-104; Tannen, 1993).

2. O MÉTODO ANALÍTICO

Procurando analisar o modo como se coonstrói linguisticamente o “envolvimento conversacional” (Goffman, 1981; Gumperz, 1982) na interação, o método analítico do presente texto baseia-se no modelo da Sociolinguística Interacional em diálogo interdisciplinar com a Linguística Cognitiva.

Convocando noções da Linguística do Discurso, numa perspectiva interacional, estes dois modelos de análise permitem analisar as sequências de atos de discurso realizadas em interações verbais específicas, integrando o estudo das relações que se podem estabelecer entre linguagem, cultura e cognição. Num sentido alargado, teremos por base uma perspectiva pragmática (Verschueren, 1980, 1999) que permite convocar diferentes teorias e modelos que confluem na análise baseada no uso.

Considerando uma interação num programa de rádio sobre futebol, verificaremos de que modo a *intensificação* do sentido é construída linguisticamente e cria a emoção no discurso. Nesta análise,

³ “Coherence judgments are matters of conversational inference (...), what counts as coherent in discourse depends on the range of interpretive options interactants recognize, on the frames of reference they adopt, and on how they use them to select among possible interpretations and eliminate sources of ambiguity” (Gumperz, 1996, p. 178).

⁴ O presente texto resulta de uma comunicação apresentada na sessão temática “From Images to Imagination: Creativity in language and discourse in Portuguese national varieties (Brazilian Portuguese and European Portuguese)”, *4th International Conference on Figurative Thought and Language – FTL 4*, Universidade Católica de Braga (23-26 outubro de 2018).

consideraremos o que Silva (2004), na linha de Geeraerts (1995, p. 113), assinala como os três princípios fundamentais da Linguística Cognitiva: “o da *primazia da semântica* na análise linguística e os de natureza *enciclopédica e perspectivista* do significado linguístico” (Silva, 2004, p. 3).

3. CORPUS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Tendo por base um *corpus* oral de um programa de rádio português sobre futebol (*corpus* oral disponível em Almeida, 2012), analisaremos as “estratégias de envolvimento” (Tannen, 1989, p. 1) realizadas através de um mecanismo discursivo que se baseia na expressão das imagens e das metáforas imaginadas.

Considerando a emoção no âmbito do trabalho interacional desenvolvido pelos interactantes na conversação (Edwards, 2001, p. 236), analisaremos a construção do ponto de vista do narrador (“narrator viewpoint construction”, segundo Borkent, 2017, p. 547) e os seus marcadores (“the viewpoint markers”) como pronomes pessoais, expressões temporais e marcadores temporais (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6). Analisaremos também o modo como se constroem as estratégias de discurso de humor. Finalmente, relacionaremos este estudo com a *teoria dos espaços mentais* e da *integração conceptual* (“blending”) de G. Fauconnier e M. Turner (2002).

4. EFICIÊNCIA INTERACIONAL: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE PERSUASÃO

Derek Edwards (2001, p. 236) refere que, do ponto de vista discursivo, a expressão da emoção pode ser analisada através do trabalho interacional (Goffman, 1974), isto é, através da análise das estratégias discursivas (Gumperz, 1989) que criam o “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982). Esta última noção enfatiza a natureza interativa da interação conversacional, e baseia-se na conceção de que a interpretação do *sentido* é uma construção conjunta realizada entre locutor e alocutário (Gumperz, 1982, pp. 2-3).

A construção de um discurso emotivo em programas de rádio, caracterizados por um tom controverso, é baseada em rituais verbais realizados através de sequências de atos ameaçadores do discurso que se constituem como estratégias de indelicadeza. Nestes programas

de rádio, com ouvintes que telefonam para a rádio (“radio phone-in”) para expressarem uma opinião sobre tópicos institucionais como o do futebol, vemos que a ironia, o sarcasmo e o insulto são parte de uma competência retórico-pragmática que demonstra a partilha de um *saber comum* (“*common knowledge*”).

Nestas interações de tom polémico, as repetições discursivas, as estratégias de intensificação do que é dito no discurso, os atos de ameaça, a qualificação pejorativa, as perguntas retóricas, os insultos, a ironia citacional e o sarcasmo constituem-se no discurso e revelam a emoção e o poder dos locutores que produzem estas estratégias discursivas, que desqualificam e causam ofensa. Neste quadro interacional, constituído pelo anfitrião de rádio e ouvintes, as práticas discursivas analisadas e as convenções sociais permitem que os participantes procedam ao desenvolvimento de uma atividade argumentativa com eficácia interacional. O uso repetido de intensificadores (*intensifiers*), como “imenso” (sinónimo de “enorme”), e adjetivos como “náufragos”, constituem algumas das estratégias de intensificação analisadas nestes contextos interacionais.

5. A QUALIFICAÇÃO PEJORATIVA E O SARCASMO: PROCESSOS DISCURSIVOS DE INTENSIFICAÇÃO DA AMEAÇA

Os estudos sobre ironia verbal em Psicolinguística demonstram que a ironia não é uma forma unificada da fala, mas constitui um termo geral para diferentes formas de linguagem irónica, incluindo sarcasmo, tom jocoso, hipérbole, perguntas retóricas e eufemismos/atenuações (Gibbs, 2012, p. 105; cf. Batoréo, 2016).

Nos programas de rádio sobre o futebol ocorre uma *retórica de denegrir* (Almeida, 2013) constituída pela expressão do *sarcasmo* realizada através de fenómenos discursivos específicos: perguntas retóricas, atos de insultos e pedidos de desculpa que, restringidos apenas ao locutor de rádio, ameaçam fortemente os ouvintes, a quem não se pede desculpa. Estes fenómenos discursivos, nestes programas, funcionam como estratégias discursivas de intensificação da ameaça da *face* (Goffman, 1974)⁵.

⁵ Para Erving Goffman (1974), os atores sociais apresentam uma face positiva (que diz respeito ao seu narcisismo ou necessidade de ser reconhecido e apreciado pelo outro) e uma face negativa (isto é, o seu próprio território). Sobre a teorização de E. Goffman relativamente às trocas reparadoras de evitação da ameaça da face, cf. Almeida (2009, p. 45).

Estas fórmulas intensificadoras do discurso inscrevem-se nas formulações extremas (Edwards, 2000, p. 347). Por esta razão, ritualmente, os ouvintes realizam atos de pedido de desculpa repetidos e expressos através do performativo explícito na primeira pessoa do singular “Peço desculpa” que visam equilibrar as *faces* do Locutor de rádio (o *anfitrião*) e do ouvinte que telefona.

Atentemos no seguinte exemplo:

(1)

Programa: Bancada Central

Data: 5/05/98

Tema: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”

Ouvinte nº. 295, masculino, Ermesinde

Locutor – Vamos agora ao encontro de R. T., em Ermesinde, boa noite

Ouvinte – Boa noite, Fernando Correia.

Locutor – Olá R.

Ouvinte – Antes do mais eh... eu gostaria de pedir desculpas ao meu amigo Fernando Correia, só única e simplesmente, não peço desculpas a mais ninguém. Assumo aquilo que disse e tomo a responsabilidade por isso. Agora peço imensa desculpa ao meu amigo Fernando Correia, porque é o responsável pelo programa e eventualmente terá a responsabilidade das pontas pelo programa e os ouvintes que... que... enfim vai tendo que aturar, não é. Prontos, peço-lhe mais uma vez desculpa ó meu amigo Fernando Correia, a mais ninguém, não peço desculpas a mais ninguém e assumo tudo aquilo que disse.

Nestas emissões, estas trocas reparadoras estão ao serviço de uma estratégia de ameaça da face de outros ouvintes e fazem parte de uma ordem ritual interacional. Como se orientam apenas para o locutor de rádio, estes pedidos de desculpa ameaçam fortemente a face positiva dos ouvintes a quem se diz que não merecem receber um pedido de desculpa: “Ouvinte – Antes do mais eh... eu gostaria de pedir desculpas ao meu amigo Fernando Correia, **só única e simplesmente**”.

A asserção na forma negativa “não peço desculpas a mais ninguém” reforça o que foi dito anteriormente, intensificando o que é dito no conteúdo proposicional, estando ao serviço de uma forma

emotiva reiterada de que “não deve nenhum pedido de desculpa a ninguém”. Faz parte do *conhecimento do mundo* dos interactantes a explicitação de que podemos estar a dever um pedido de desculpa, e que o devemos fazer caso nos tenhamos portado mal. Este ouvinte, como adepto do Futebol Clube do Porto, da região do Grande Porto (Ermesinde), demonstra que sabe que não teve anteriormente uma linguagem adequada relativamente aos benfiquistas, mas, com este ato de pedido de desculpa restringido ao locutor de rádio (“radio host”), demonstra que mantém todos os atos ilocutórios ofensivos realizados anteriormente: “não peço desculpas a mais ninguém e assumo tudo aquilo que disse”.

5.1. MARCADORES DE PONTO DE VISTA E METÁFORAS EM DESCRIÇÕES

No exemplo apresentado em (1), o ouvinte nº. 295 constrói uma argumentação recorrendo a estratégias de intensificação que contribuem para a persuasão.

Na linha de Pomerantz (1986), Derek Edwards (2000) refere que os *intensificadores* constituem mecanismos de reforço do discurso, e que podem fazer parte de estratégias argumentativas que possibilitam a justificação do que é dito. Compreende-se, assim, que o seu uso tem um efeito de persuasão. Como iremos ver, os *intensificadores* têm eficácia na argumentação e denotam a emoção no discurso: incluímos nesta categoria o uso estratégico da metáfora em descrições.

Observemos o seguinte exemplo:

(2)

Programa: Bancada Central

Data: 5/05/98

Tema: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”

Ouvinte nº. 295, masculino, Ermesinde

Ouvinte: “Sobre o tema, acho o tema aliciante e é com imenso prazer que venho participar nele, até porque se trata de falar do Benfica e do que é a sua verdadeira essência. E se havia já alguém que pensasse que a vitória sobre os tetra campeões teria eliminado todas aquelas bagunçadas, aí está mais uma resposta aos mais otimistas. Foi mais um buraco que se abriu no barco, já de si tão

farto de meter água, e só me sentirei completamente feliz quando o barco for ao fundo de vez. É com imenso prazer que verei todos aqueles náufragos agarrados ao seu salva-vidas, que na ideia deles é o homem que os vai desgraçar. Oxalá, e para acabar de vez com a conversa de chacha de alguns, isso não demora muito. Para aqueles benfiquistas cujo discurso é racional pra⁶ eles, o meu lamento. Eh... todos sabemos que a perda de confiança de um dos da própria família é de facto muito triste.”

A ocorrência de procedimentos de *intensificação* (Pomerantz, 1986, p. 221; Edwards, 2000, p. 347) observada no exemplo (2), como o uso do *intensificador* “imenso”, reforça o conteúdo proposicional expresso na sequência prototípica de abertura destes programas: “é com imenso prazer que venho participar nele [no tema]”.

A *construção do ponto de vista do narrador* (Borkent, 2017, p. 547) situa-se no domínio do irreal, como se pode verificar pelo uso do Pretérito Imperfeito em orações condicionais irrealis que coocorrem com o condicional passado: “E se havia já alguém que pensasse que a vitória sobre os tetra campeões teria eliminado todas aquelas bagunçadas”. A este enunciado segue-se um elemento deíctico que aponta para o presente da enunciação: “aí está mais uma resposta aos mais otimistas” que, de um modo sarcástico, aponta para a irrealidade dos Benfiquistas que nesta asserção avaliativa expressa um valor inverso. A caracterização realizada pelo uso do adjetivo no grau comparativo de superioridade “os mais otimistas” tem um valor destrutivo e sarcástico de polaridade negativa, implicando-se uma máxima do conhecimento comum – “uma batalha não faz ganhar a guerra” –, e, por isso, não há razão para se ser otimista. Os marcadores de *ponto de vista* (“the viewpoint markers”), como pronomes pessoais, expressões temporais e marcadores de tempo verbal (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6), permitem-nos verificar que o narrador expressa uma metáfora de um barco que constitui o Clube do Benfica, que sofre um naufrágio, e em que os náufragos estão agarrados ao salva-vidas, que é o Presidente do Conselho Fiscal do Benfica, que não os consegue salvar. A expressão convencionalizada socialmente “meteu água” permite criar o humor na interação com a construção de uma figura de sarcasmo, pois a imagem

⁶ Foi feita a transcrição ortográfica das produções dos ouvintes, sendo a forma sincopada “pra (=para)” característica do discurso interativo oral.

metafórica do “barco a meter água” e a afundar-se remete também para o sentido de errar: “ele meteu água” significa, no sentido figurado, “ele errou”. Podemos assim compreender esta expressão através da *teoria dos espaços mentais e da integração conceptual* (“blending”) de G. Fauconnier & M. Turner (2002). Este processo de integração conceptual permite estabelecer ligações entre espaços mentais: “É importante perceber que o processo de mesclagem (“blending”) é realizado através do estabelecimento de elos conectivos, mesmo que mínimos, entre elementos de diferentes espaços de *input* à luz do espaço genérico” (Almeida, 2004, p. 146; tradução nossa)⁷.

A imagem resultante (“the blend”) tem uma estrutura própria e constitui um todo integrado que apenas pode ser manipulado como uma unidade, como podemos ver na seguinte expressão:

(3) Os adeptos do Benfica são náufragos.

No *input* do espaço 1, a imagem tem em consideração a figura dos adeptos do Benfica e todo o “frame” desta operação: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”.

No *input* do espaço 2, tem-se em consideração a figura dos náufragos e toda a operação deste “frame” (“náufragos agarrados ao seu salva-vidas”) – um cenário de naufrágio.

Na fase de *integração conceptual*, estabelecem-se ligações conectivas entre a imagem prototípica dos “náufragos” e a imagem prototípica dos “náufragos” à luz do espaço mental genérico, isto é, considerando que “Estas pessoas usam um bom salva-vidas”. Através de um processo de elaboração emerge uma nova figura central no *blend*, que diz respeito, especificamente, à *incompetência na escolha do bote salva-vidas* que nem pertence ao “frame” do *adepto* prototípico nem ao prototípico *naufrágio*, mas caracteriza a figura do *blend* (“blended figure”) dos “Adeptos do Benfica – náufragos”. Este barco – o Clube Benfica – “tem metido muita água” e como este ouvinte diz: “Foi mais um buraco que se abriu no barco, já de si tão farto de meter água”. A expressão hiperbólica “mais um buraco”, com a oração relativa “que se abriu no barco”, localiza e caracteriza o “barco”/Clube com

⁷ “It is important to realize that the blending process is accomplished through the establishment of connective links, even a very minimal set, between elements of different input spaces in the light of the generic space” (Almeida 2004: 146).

o adjetivo “farto”, que constitui um intensificador na expressão “já de si tão farto de meter água”. O ponto de vista do narrador é expresso na asserção avaliativa que é produzida em tom confessional, com *intensificadores* como o advérbio de modo “completamente”: “e só me sentirei completamente feliz quando o barco for ao fundo de vez”.

Descreve-se um cenário semelhante a um naufrágio: num cenário hipotético, no futuro imperfeito, o narrador expressa a alegria do que irá ver, empregando adjetivos que constituem intensificadores como “imenso” em “É com imenso prazer que verei todos aqueles naufragos agarrados ao seu salva-vidas”. O narrador demonstra que eles não sabem que o bote salva-vidas será “o homem que os vai desgraçar”. O uso da metáfora neste exemplo constitui um caso hiperbólico, isto é, trata-se de um procedimento de exagero que visa propósitos de intensificação, e demonstra que o sentido irónico é interpretado com base na imprevisibilidade e na novidade, juntamente com um aspeto humorístico e lúdico.

O locutor termina esta metáfora do naufrágio do Clube com uma expressão de desejo: “Oxalá, e para acabar de vez com a conversa de chacha de alguns, isso não demora muito”.

Conclui, lamentando (“o meu lamento”), que há “aqueles benfiquistas” que não querem ver a dura realidade e associa o item lexical “família” à “ligação de sócios ao Clube”: “Eh... todos sabemos que a perda de confiança de um dos da própria família é de facto muito triste”.

A troca interacional termina com uma troca reparadora intensificada com o adjetivo “imensa” em “peço-lhe mais uma vez imensa desculpa” (Muito boa noite senhor Fernando Correia, um abraço e peço-lhe mais uma vez imensa desculpa”).

Como forma de restabelecer o equilíbrio entre as faces dos interlocutores, os locutores de rádio reagem com estratégias de minimização/“(de)negação” da ofensa (Kerbrat-Orecchioni, 1988, p. 97) expressa no conteúdo proposicional do ato de pedido de desculpa seguido de um ato de pedido e de convite:

(4) Locutor – Não, não tem que, não tem que pedir desculpa, bastava uma vez, não tem problema nenhum. Quando puder eh... fale

comigo. Gostava muito de falar consigo, mas eh fora do programa.

Este ato de convite constitui, implicitamente, uma forma de persuadir o ouvinte a realizar, futuramente, uma intervenção mais calma e pacífica, isto é, uma intervenção que possa ser menos ofensiva, com um tom menos sarcástico.

6. CONCLUSÃO

Compreender o estudo de fenómenos como a ironia verbal e a delimitação do seu funcionamento no discurso (Gibbs, 2012, p. 105; Batoréo, 2016, 2017) e proceder ao estudo do sentido figurativo, tendo por base a teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (“blending”) de G. Fauconnier e M. Turner (2002), constituem alguns dos objetivos visados no âmbito do trabalho de análise linguística. Com efeito, na análise da ironia e das metáforas conceptuais que ocorrem em narrativas orais, os contributos da Teoria da Integração Conceptual de G. Fauconnier e M. Turner (2002) permitem compreender o ponto de vista do narrador que constrói a situação e convoca vários domínios ao mesmo tempo para conceptualizar novas realidades e permitir construir novas inferências. A análise da “construção do ponto de vista do narrador” (Borkent, 2017, p. 547) e dos marcadores de ponto de vista como os pronomes pessoais, as expressões temporais e os marcadores de tempo verbal (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6) são aspetos que contribuem para a articulação da conceptualização do mundo operada pelos falantes. Deste modo, tendo por base interações verbais na rádio (Almeida, 2012), foi nosso objetivo analisar de que modo o locutor constrói o discurso irónico através de processos cognitivos específicos, fazendo uso de mecanismos cognitivos como, por exemplo, a metáfora conceptual que resulta – em simultâneo – como causa e efeito de um pensamento figurativo; considera-se assim a emergência do discurso irónico numa interação conversacional, que ocorre num programa de rádio português presente no *corpus* de Almeida (2012), e perspectivam-se os processos de metaforização na criação do sentido (Silva 2006). Desta forma, os fenómenos linguísticos que permitem a construção de estratégias discursivas específicas de um “ponto de vista” são analisados no presente texto.

Verificamos que a realização de estratégias de intensificação baseadas na conceptualização metafórica reforça o que é dito

no conteúdo proposicional de asserções, resultando numa eficácia argumentativa e interacional. O emprego de adjetivos como “imenso”, a ocorrência de orações condicionais no domínio do irreal e o recurso a metáfora em descrições contribuem para a construção de um discurso emotivo e controverso, específico de uma linguagem de adeptos do futebol. Este uso da linguagem visa persuadir o alocutário destas emissões radiofónicas: o locutor de rádio e o auditório (este último constituído pelos adeptos de futebol).

A metáfora dos *náufragos agarrados a um salva-vidas* (que os deixa à deriva ou ao abandono) constitui um mecanismo de pensamento que intensifica o que se quer dizer no conteúdo proposicional das asserções de um adepto de futebol, assumindo uma eficácia interacional que é denotada pelo pedido de desculpa final. Este último, como forma de expressão reparadora da ameaça, procura restabelecer o *equilíbrio interacional* (Goffman, 1981).

Deste modo, as construções metafóricas em narrativas contribuem para o significado figurativo e a intensificação do discurso. Com efeito, o uso de expressões como “náufragos”, “salva-vidas” em construções irónicas denota a emoção e o humor como características deste tipo de discurso. O estudo da conceptualização destas construções em narrativas constitui um contributo para o estabelecimento das relações de sentido entre ironia, metáfora e mesclagem conceptual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C. (2009). Processos de figuração e manutenção da *ordem interaccional*: Estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de programas de rádios específicos. Fiéis, A., & Coutinho, M. A. (Eds.). *Textos seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Associação Portuguesa de Linguística – APL. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/3-Almeida.pdf>

Almeida, C. (2012). *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio. Contributos para uma análise linguística do discurso em interacções verbais*. Afrontamento.

Almeida, C. (2013). Contributos para o estudo da configuração dos *rituais verbais de descortesia* em programas de rádio portugueses. Silva, F., Falé,

I., & Pereira, I. (Eds.). In *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 59-77. Associação Portuguesa de Linguística – APL. https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/ALMEIDA_2013.pdf

Almeida, M. Cl. (2004). More about blends: Blending with proper names in the Portuguese media. Silva, A., Torres, A., & Gonçalves, M. (Orgs.). (2004). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, II, 145-158. Almedina.

Athanasiadou, A., & E. Tabakowska (Eds.). (1998). *Speaking of Emotions, Conceptualization and Expression*. Mouton De Gruyter.

Batoréo, H. (2016). Como conceptualizamos a ironia no discurso? Representações e meta-representações do implícito. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, 20 (1), 9-24.

Batoréo, H. (2017). On ironic puns in Portuguese authentic oral data. How does multiple meaning make irony work?". Athanasiadou, A., & Colston, H. (Eds.). *Irony in Language Use and Communication*, 109-125. John Benjamins.

Borkent, M. (2017). Mediated Characters: Multimodal Viewpoint Construction in Comics. *Cognitive Linguistics*, 28 (3), 539-563.

Diamond, J. (1996). *Status and power in verbal interaction. A study of discourse in a close-knit social network*. John Benjamins.

Edwards, D. (2000). Extreme case formulations: Softeners, investment and doing nonliteral. *Research on language and social interaction*, 33(4), 347-373.

Edwards, D. (2001). Emotion. Wetherell, M., Taylor, S., & Yates, S. (Eds.). *Discourse Theory and Practice. A Reader*, 236-246. Sage.

Fauconnier, Gi. (1984). *Espaces mentaux. Aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*. Minuit.

Fauconnier, G., & Turner, M. (2002). *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Basic.

Fonseca, J. (1988). Coerência do texto. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Línguas e Literaturas, Série II*, 5 (1).

- Geeraerts, D.** (1995). Cognitive Linguistics. In *Handbook of Pragmatics*. Verschueren, J, Östman, J., & Blommaert, J. (Eds.). 111-116. John Benjamins.
- Gibbs, R.** (2012). Are ironic acts deliberate?. *Journal of Pragmatics*, 44, 104-115.
- Goffman, E.** (1974). *Les rites d'interaction*. Minuit.
- Goffman, E.** (1981). *Forms of Talk*. University of Pennsylvania Press.
- Grice, H. P.** (1975). Logic and conversation. Cole, P. & Morgan, J.L. (Eds.), *Syntax and semantics 3: speech acts*, 41-58. Academic Press.
- Gumperz, J.** (1980). The Sociolinguistic Basis of Speech Act Theory. *Versus, Quaderni di Studi Semiotici*, 26-27, 101-121.
- Gumperz, J.** (1982). *Discourse strategies*. Cambridge University Press.
- Gumperz, J.** (1989). *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. L'Harmattan.
- Gumperz, J.** (1990). The speech community. Giglioli, P. (Ed.). *Language and social context*, 219-231. Penguin Books.
- Gumperz, J.** (1996). Fact and inference in courtroom testimony. Gumperz, J. (Ed.). *Language and social identity*, 163-194. Cambridge University Press.
- Heller, M.** (2001). Discourse and interaction. Schiffrin, D., Tannen, D., & Hamilton, H. (Eds.). *The handbook of discourse analysis*, 250-264. Blackwell.
- Holdcroft, D.** (1992). Searle on conversation and structure. Searle, J., Parret, H., & Verschueren, J. (Eds.). *(On) Searle on conversation*, 57-76. John Benjamins
- Kerbrat-Orecchioni, C.** (1988). L' 'échange' comme unité transphrastique dialogale. L'exemple de l'excuse. *Modèles linguistiques*, 10(2), 83-103.
- Kerbrat-Orecchioni, C.** (1990). *Les interactions verbales*. Armand Colin.
- Kövecses, Z.** (1990). *Emotion Concepts*. Springer-Verlag.
- Kövecses, Z.** (1998). Are there any emotion-specific metaphors?. Athanasiadou, A., & Tabakowska, E. (Eds.). *Speaking of emotions, conceptualization and expression*, 127-152. Mouton De Gruyter.

Pomerantz, A. (1986). Extreme Case Formulations: A Way of Legitimizing Claims. *Human Studies*, 9, 219-229.

Schiffrin, D. (1995). *Approaches to discourse*. Blackwell.

Silva, A. (2004). Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. Silva, A., Torres, A., & Gonçalves, M. (Eds.). *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, 1-18. Almedina.

Silva, A. (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Almedina.

Tannen, D. (1989). *Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge University Press.

Tannen, D. (1993). What's in a Frame? Surface Evidence for Underlying Expectations. Tannen, D. (Ed.). *Framing in Discourse*, 14-56. Oxford University Press.

Turner, M. (2007). The Way We Imagine. Roth, I. (Ed.). *Imaginative Minds*. British Academy & Oxford University Press.

Vandelanotte, L., & Dancygier, B. (2017). Multimodal artefacts and the texture of viewpoint. *Journal of Pragmatics*, 122, 1-9.

van de Velde, R. (1989). Man, verbal text, inferencing and coherence. Heydrich, W., Neubauer, F., Petöfi, J., & Sözer, E. (Eds.). *Conexity and coherence*, 174-214. De Gruyter.

Verschueren, J. (1980). À la recherche d'une pragmatique unifiée. *Communications*, 32, 274-284.

Verschueren, J. (1999). *Understanding Pragmatics*. Edward Arnold.

Widdowson, H. (1979). Rules and procedures in discourse analysis. Myers, T. (Ed.). *The development of conversation and discourse*, 61-71. Edinburgh University Press.